



XX JORNADAS PEDAGÓGICAS XX DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Aprender fora de portas:

redes,
recursos
e potencialidades

17, 18 e 19 | janeiro | 2013 | Teatro Miguel Franco | Leiria

livro de resumos

patrocínio:



organização:



Associação Portuguesa de Educação Ambiental
Comissão de Incentivos



Câmara Municipal de Leiria
www.cm-leiria.pt

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO: ALMEIDA, Fátima; PINTO, Joaquim; SILVA, Joana

AUTORES:

Alexandra Pericão; Amadeu M.V.M. Soares; Amante B.L.; Ana Calha; Ana Elisa Silva; Anita Sando; António Almeida; António Correia; António Eloy; António Oliveira; Araceli Serantes Pazos; Augusto Avelaia; Brígida Rocha Brito; Bruno Castro; Carla Faustino; Carla Rodrigues; Carlos Fonseca; Cátia Buraco; Cátia Marques; Clara Vasconcelos; Cláudia Nabo; Cristiana Soares; Daniela Costa; Daniela Figueiredo; David Bernier; Diana Gomes Baptista; Diogo Fonseca; Dulce Maria da Silva Ferreira; Fernanda Botelho; Fernando Gonçalves; Filipa Luz; Guilherme Collares Pereira; Hermínia Ribeiro; Inês Lopes; Inês Macário; Isabel Vasconcelos; Jean-Pierre Roy; Joana Cruz; Joana Lopes; Joaquim Ramos Pinto; José Cordeiro; José Domingos Almeida Santos; Júlia Rigueira; Levy M.D.Y.M.; Lisete Portela; Locatelli J.S; Luís Antero; Luís Filipe Santos; Manuel Rodrigues de Andrade; Margarida Gomes; Maria Alexandra Pereira Henriques; Maria de Fátima Costa; Maria Isabel Nunes; Mário Oliveira; Marta Gaspar; Michael Lebaigue; Michèle Sato; Miguel Laranjo; Miguel Lourenço Romano; Milene Matos; Mónica Batista; Neuza Monteiro; Nuno Bravo; Nuno Sequeira; Nuno Vinagre; Olga Pinto dos Santos; Pablo Meira-Cartea; Paulo Magalhães; Paulo Trincão; Pedro Teiga; Raquel Perdigão; Raul Castro; Ricardo Brandão; Ricardo Figueiredo; Rita Alcazar; Rosana M. Afonso; Rui Andrade; Sandra Craveiro; Sandra Diogo; Sara Carvalho; Sofia Coutinho; Sofia Coutinho; Sofia Quaresma; Susana Ferreira; Telma Fontes; Telmo Inácio; Ulisses M. Azeiteiro; Vera Severino

PARCEIROS NA ORGANIZAÇÃO:

Câmara Municipal de Leiria

APOIOS:

Agência Portuguesa do Ambiente | Comissão Nac da UNESCO | Direção Geral de Educação
Associação Fazer Avançar | Associação Sempraudaz | CineECO / Município de Seia | Delta Cafés | ENERDURA | EPAL | Escola Profissional de Leiria | Fundação EDP | Grupo Portucel Soporcel | Missão UP – Galp Energia | Novo Mercadinho de Leiria | OÁSIS | OIKOS Leiria | Parque Biológico de Gaia | Quinta Sementes de Estrela | SIMLIS | SMAS Leiria | VALORLIS

EDIÇÃO: Associação Portuguesa de Educação Ambiental (ASPEA)

DATA: janeiro de 2013

ISBN: 978-972-99469-4-3

O conteúdo e opção de escrita dos textos publicados são da responsabilidade dos respetivos autores.

ÍNDICE

Notas de Abertura	6
Conferências	18
Sociedades sustentáveis	19
A educación ambiental en Iberia: dez reflexións sobre a crise da educación ambiental e sobre a educación ambiental na crise	24
Mesas Redondas	46
Kakuma: energia para o desenvolvimento	47
Ilha do Maio, Cabo Verde: O desafio da insularidade	49
Educação Ambiental e Sociedades Sustentáveis	51
Eco-Escolas e Jovens Repórteres para o Ambiente: dois programas de educação ambiental para a sustentabilidade	58
O papel da Quercus na Educação Ambiental para a Sustentabilidade	61
Plataforma Open4Sustainability: Plataforma aberta de aprendizagem para a sustentabilidade	68
Grupos de Trabalho	76
Grupos de Trabalho 1: Redes para a cooperação em educação ambiental e desenvolvimento	78
Resultados e demandas do projecto conheço os rios e os peixes do assentamento Canaã, Bodoquena – MS, o retorno da pesquisa	79
Estratégia Ambiental e Desenvolvimento Rural no Concelho de Arouca	85
Pensar Global Agir Local	91
Património Natural e Educação Ambiental em S. Tomé e Príncipe	99
Património Natural Intangível: Pensar a terra como um Condomínio	108
Grupo de Trabalho 2: Diálogos para sociedades sustentáveis	116
Parques urbanos como facilitadores da integração da Educação Ambiental no quotidiano urbano	117
As ações de sensibilização e educação ambiental do projeto LIFE ESTEPÁRIAS, um complemento essencial para o envolvimento local	122
O despertar científico e prático para o mundo das plantas	125
Educação Ambiental, Ensino Experimental e Educação Especial	127
Grupo de Trabalho 3: Empreendedorismo sócio ambiental	132
Educação pro animal como medida para a salvaguarda da saúde pública veterinária	133
SPEAK: um novo negócio da Fundação EDP e da Associação Fazer Avançar	136
Projecto Rios – um exemplo de empreendedorismo sócio - ambiental	142
Grupo de Trabalho 4: Investigação ação e inovação em educação ambiental	146
Preservação ambiental e turismo de natureza em área protegida: Iniciativas e experiências em contexto africano	147
Percurso cicláveis e pedonais: um potencialma promoção se vivências sustentáveis	156

A Educação Ambiental e a Perceção dos Problemas Ambientais em Avis e no Parque Nacional da Peneda Gerês – Uma abordagem exploratória	159
A Oikos, Rio Lis e Educação Ambiental - duas décadas de contributos para o desenvolvimento comunitário	167
Investigação e inovação em educação ambiental: alguns casos de estudo	175
Reabilitação da Rede Hidrográfica	184
Grupo de Trabalho 5: Estratégias de comunicação em educação ambiental	188
O ovo de Colombo: um dilema social	189
A publicidade e a sustentabilidade: suas relações no paradigma da sociedade de consumo	195
Água, Fonte de Vida e Energia	203
Alterações Climáticas e Educação Ambiental: como a comunicação pode ser a chave para a mitigação	205
Programa de sensibilização ambiental de Cascais	207
Estratégias de comunicação em educação ambiental: o exemplo do CMIA de Vila do Conde	215
PENAS, o investigador: um livro ao serviço da Educação ambiental e cidadania activa	218
Grupo de Trabalho 6: o papel dos equipamentos para a educação ambiental	220
Equipamentos de Educação Ambiental na Galiza - QUINES são, de onde vêm, para onde vão	221
A componente de educação ambiental no projecto do Centro de Interpretação da Serra da Estrela	228
Projeto “Permacultura no CEA” – Centro de Educação Ambiental (CEA) da AdDP em Lever	237
O papel dos Centros de Recuperação na Conservação de Fauna Selvagem Portugal - O exemplo de Cervas:	239
Integração Sociocultural em Equipamentos de Educação Ambiental no Norte de Portugal	242
Oficinas	254
Plantas medicinais e aromáticas na horta e na cozinha	255
Brinquedos populares naturais com materiais da floresta	257
Oficina de gravações sonoras de campo: os sons da água	259
MISSÃO UP UNIDOS PELO PLANETA - Projeto Educativo sobre a Eficiência no Consumo de Energia	261
Rios e pessoas	269
Oficina de reutilização de Resíduos “Reutilizações Criativas”	272
Saídas de Campo	276
Visita à ETA de São Romão	277
Projeto da Semente à Raiz Social (OASIS)	278
Da Nascente à Foz	281
Visita ao Centro de Interpretação do Abrigo do Lagar Velho e saída de campo no Vale do Lapedo	283

Hortoterapia, pela Quinta Sementes d’Estrela	284
Moinho do Papel e Centro de Interpretação Ambiental de Leiria	288
Exposições e Posters	290
Exposição Sementes de Esperança: Visões de Sustentabilidade, Passos Para a Mudança	291
Cianotrilhos - interface de divulgação científica sobre a ocorrência de cianobactérias em Portugal	294
Quando as Cianobactérias crescem demais...	297
Implementação de uma estratégia integrada para lidar com blooms de cianobactérias	301
A Quercus e a Biodiversidade - Exposição “Natureza em Risco”	305
Atividades Sócio culturais	312
A raiva dos Bosques: um filme de animação 100% a partir de materiais de recuperados	213
A arte de recuperação: um documentário sobre artistas recuperadores - educadores ao ambiente e ao consumo responsável	315
Concerto para olhos vendados	318
O Reino de Neptuno	320
Conclusões	322

Grupo de Trabalho 6

O PAPEL DOS EQUIPAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL **Dinamizadora: Araceli Serantes (Universidade da Corunha)**

Equipamentos de Educação Ambiental na Galiza

QUINES SÃO, DE ONDE VÊM, PARA ONDE VÃO

Araceli Serantes Pazos (*)

boli@udc.es

Facultade de Ciências da Educación

Universidade da Coruña

Palavras-chave: educação ambiental, equipamentos de educação ambiental, antecedentes, processos de qualidade, avaliação.

Os equipamentos de Educação Ambiental som um dos recursos com maior potencial educativo para promover câmbios sócio-ambientais a través de estratégias de aprendizagem e participação. Trata-se de unhas instalações de carácter educativo (fora do sistema educativo formal), nas que unha equipa de profissionais desenvolve um projecto de educação ambiental, adaptado ás pessoas usuárias, com um modelo de gestão coerente, e utilizando a avaliação como método de retro alimentação.



Não se trata de novos recursos, porque podemos encontrar antecedentes desde remates do século XIX, mais se trata de experiências inovadoras. Presenteamos brevemente unha serie de iniciativas que bem poderíamos considerar como as primeiras pegadas do que hoje conhecemos como aulas da natureza, centros de interpretação, granjas escola, aulas do mar, etc. Estamos a falar de experiências que poderíamos classificar em cinco categorias: de carácter educativo, higienistas, científico, socioeconómico e patriótico.

Em Galiza, o mesmo que no resto do Estado espanhol, começasse a falar de educação ambiental nos inícios dos anos 70 do século XX, como um movimento social que quer dar unha resposta desde a educação á crise da sociedade ocidental contemporânea. Desde essas primeiras pegadas até a actualidade existe unha evolução nos objectivos, na metodologia, nas acções e nas pessoas destinatárias. Identificamos quatro enfoques:

- o *inicial* baseado na natureza, que persegue compreender que está a ocorrer e pensa que a solução está em conhecer; tratasse dum modelo transmissivo, conductista e instrumental, no que a natureza é o objecto de estudo

- o *predominante* cunha forte impressão ecologista, que vê na natureza um recurso didático: busca capacitar e sensibilizar e o modelo de aprendizagem é por descobrimento.
- o *institucional* persegue a sustentabilidade e mitigar os efeitos dos problemas ambientais porque a natureza é um valor e os grupos sociais devem intervir para conserva-la; tratasse dum modelo significativo e adaptativo.
- O *emergente* entende a problemática ambiental desde a complexidade, e aposta pela participação, a co-responsabilidade e acção, dentro da filosofia do decrescimento e o eco-desenvolvimento; estamos a falar dum modelo cooperativo e construtivista.

O movimento dos equipamentos para a educação ambiental, como tal, começa a sua andadura a remates dos anos 70, promovidos por pessoas vinculadas cós movimentos de renovação pedagógica e cós grupos ecologistas. No ano 1983 Teresa Franquesa e Miquel Monge⁸ fizeram unha primeira aproximação e identificaram 30 experiencias; no ano 2010 Clotilde Escudero⁹ assinala que no censo voluntario do CENEAM¹⁰ existiam cerca de 800 registos.

8 FRANQUESA Teresa e Miquel MONGE. 1983. Recursos i materials per a l'educació ambiental a l'estat espanyol: primera aproximació. *Quaderns d'ecologia aplicada*, nº 6, pp. 32-108.

9 ESCUDERO, Clotilde. 2010. Trinta anos de experiencias en Equipamentos de Educación

Em Galiza ainda que podemos localizar numerosas experiências, não sempre foi unha realidade bem conhecida: o primeiro equipamento de educação ambiental foi criado no ano 1984 mais não aparecerá referenciado nos estudos até muitos anos más tarde; tomemos como exemplo o censo do CENEAM do 1997, no que se registam 13 iniciativas sim embargo existiam 44. No estudo realizado em 2010¹¹ dava-se conta de 191, mais não todas elas devem ser consideradas como tal, de feito neste estudo defendesse que só 61 cumpririam uns requisitos mínimos.

Neste debate sobre os requisitos mínimos que devem reunir os equipamentos, iniciasse um interessante processo na procura da qualidade, processo que pode ser considerado como frustrado, mais do que o sector aprendeu muito. O primeiro, e mais destacável, é que aprendeu a reconhecer-se e a identificar-se, de aí por diante, a colaborar, a participar, a avaliar-se e a propuser conjuntamente.

Para falar de qualidade dos equipamentos de educação ambiental foi necessário previamente detectar e criar um censo que recolhera os centros estavam a funcionar. Neste processo surde a necessidade de criar categorias que facilitaram a classificação porque as iniciativas eram numerosas e muito heterogéneas: estamos a falar de tipologias de equipamentos. As tipologias som diferentes segundo a finalidade; a mais

Ambiental. En Araceli SERANTES. *Equipamentos de Educación Ambiental de Galicia*. A Coruña: Xunta de Galicia-SGEA, pp. 11-16.

10 CENEAM (Centro Nacional de Educación Ambiental) www.magrama.gob.es/es/ceneam/

11 SERANTES, Araceli. 2010. *Os equipamentos para a educación ambiental en galicia: análise da realidade e propostas de mellora da calidade*. Universidade da Coruña. Tese de Doutoramento.

frequente resposta á oferta dos centros e conta com 5 categorias: granja/quinta escola, aula/centro ambiental, centro de interpretação/visitantes, museus para a EA e centros de referência. Outras tipologias têm que ver cõa propriedade e gestão (público/privado), a duração da visita (menos de 2 horas, entre 2-4 horas, um dia, 3 dias, mais de 3 dias), serviços (sem comedor, com comedor, com alojamento), etc.

Em Galiza, a Xunta de Galiza cria um *Registo geral de entidades e centros de educação ambiental* no ano 2001 que foi um fracasso por diversas razões; a principal é que tratasse dum processo burocrático complicado ao que há que dedicar muitas horas não remuneradas sem nenhuma vantagem comparativa (não era um requisito para presentearse a concursos ou aceder a ajudas).

Também no ano 2001 aprovasse na Galiza com categoria de Ordem a *Carta de qualidade para os centros de educação ambiental*, mais nunca foi aplicada pela Administração competente. Por outra banda, no ano 2006 a Xunta de Galiza encarrega á SGEA (sociedade Galega de educação ambiental) a elaboração do diagnóstico e avaliação da *Estratégia Galega de educação ambiental* (Projecto Fénix¹²). Neste processo utilizara-se como documento base para o debate a Carta de Qualidade; de sua análise por parte das pessoas responsáveis dos equipamentos surdirem unha serie de indicadores para poder autoavaliar e avaliar de forma comparada o funcionamento dos centros, cõa finalidade de desenhar unha estratégia para incorporar processos de melhora da qualidade nos centros.

12 <http://www.sgea.org/fenix/>

Mais este processo de autoavaliação resultaria incompleto sem um último apartado que tem que ver com a difusão dos resultados, que neste caso entendia-se que tinha que ir dirigido às pessoas usuárias, com o fim de garantir os seus direitos. Foi unânime a decisão de propor à Xunta de Galiza a criação dum selo de qualidade que ajudara a identificar os centros nos que se reconhecia como bom ao seu funcionamento e serviços. A proposta inicial foi começar com procedimento público de carácter misto, em que as partes seriam a Administração, representantes dos equipamentos e um organismo externo (Universidade ou SGEA), com um regime de funcionamento similar aos Conselhos Reguladores. Unha vez mais a Xunta de Galiza não mostrou interesse pela iniciativa, pelo que a única via que restava era iniciar um procedimento privado a través duma associação ou Fundação. Nestes momentos de crise e incertezas este processo está parado, mais nem por isso pode ser considerado como um fracasso, por todos os avances e aprendizagens resultado de tantas horas de debate e trabalho conjunto; comprovamos que existem problemas e inquietudes comuns, e também ambição de resolvê-los de forma consensual.

Na actualidade o estado dos equipamentos de educação ambiental na Galiza é bastante desalentador e contraditório. Desalentador porque a maior parte dos centros de carácter público estão fechados, e contraditório porque as Administrações seguem a investir quantidades milionárias de euros na criação de novos centros, que com total certeza acabaram tão fechados como os que já existiam. Dos 191 centros que

estudamos no ano 2010 hoje teríamos que fazer referencia a case 250 iniciativas, e as novas propostas não cessam de aparecer. Na actualidade não é tão necessário investir em novas iniciativas como em otimizar o funcionamento das existentes.

Existe um divorcio real entre as administrações públicas e os equipamentos de educação ambiental: unha coisa é o que prometem e declaram e outra muito diferente o que realmente fazem. Os equipamentos galegos, pela sua capacidade formativa e transformadora, constituem unha oportunidade para abordar as exigências impostas desde Europa e organismos internacionais como a Directiva Marco da Agua, os Planos de acção dos Espaços Naturais Protegidos, as politicas prioritárias europeias para o desenvolvimento rural, etc. Nom dar conta desta potencialidade seria um erro imperdoável.

(*) Araceli Serantes Pazos é professora de Educação Ambiental e Cultura da Sustentabilidade na Faculdade de Ciências da Educação na Universidade da Coruña desde o ano 1997. Na sua Tese de doutoramento faz um diagnóstico dos equipamentos galegos de educação ambiental. É membro desde sua criação do Seminário Permanente de Equipamentos de Educação Ambiental do CENEAM (2004). Membro da SGEA desde seu inicio (2001), assumiu diferentes responsabilidades (vice-presidenta e vogal); tamén foi vice-presidenta da Asociación para la Interpretación del Patrimonio.
www.araceliserantes.com